

Durante a graduação, assistindo a uma palestra, Camila conheceu uma diplomata interessada em montar um grupo de estudos para a diplomacia exclusivamente com mulheres. “Felizmente, nosso contato perdura e algo que ela sempre mencionou foi a luta para mulheres chefiarem cargos mais estratégicos e disputados dentro do Itamaraty. Fico feliz em desde já acompanhar o crescimento da Associação das Mulheres Diplomatas Brasileiras (AMDB) e ver que, apesar de devagar, aos poucos isso está mudando. No entanto, acredito que esse ainda será um desafio que eu vou encontrar.”

Dupla missão

A professora de inglês Sara Rodrigues, 33 anos, também está se preparando para o concurso. Ela vê a medida como necessária diante do padrão masculino que ainda marca a atuação da categoria. “É uma carreira que exalta masculinidade. As mulheres têm chefiado poucos postos diplomáticos. Isso é apenas um exemplo do quão desigual ainda estamos em questão de gênero”, expõe, referindo-se à distribuição de cargos para homens e mulheres no quadro nacional — 77% contra 23%, respectivamente.

Moradora de Cachoeira, Bahia, Sara também reflete sobre o desafio de passar no certame sendo uma mulher negra no Brasil. “Talvez isso seja apenas o começo dos vários desafios que encontrarei sendo uma diplomata negra. Não acredito que será fácil”, diz. Além disso, sendo mãe solo, ela terá de se preocupar ainda mais com os cuidados e o bem-estar da filha, Kwena Dandara, 4 anos, caso precise se mudar para Brasília. “Eu penso nisso todos os dias; em qual escola a minha filha vai estudar, se ela se sentirá acolhida, qual casa ou apartamento ficarei etc.”

“Eu cresci ouvindo que primeiro eu teria de priorizar limpar, deixar a casa organizada e cozinhar, e só depois eu poderia estudar. Ouvia isso tendo menos de 18 anos e era assim que eu seguia a minha rotina, mesmo sabendo que era injusto, já que meus irmãos homens não precisavam dessas obrigações”, lembra. Sara afirma que as demandas de cuidado que recaem sobre a mulher acabam dificultando a rotina de estudos: “O mundo precisa e depende muito de nós, mulheres, e é por isso que, muitas vezes, focar apenas nos estudos ou ‘apenas’ em estudar e trabalhar é um

Requisitos para tomar posse no cargo

Ao se inscrever no concurso, o(a) candidato(a) deve preencher todas as exigências determinadas no edital.

- A** Ter sido aprovado no concurso;
- B** Ser brasileiro nato;
- C** Estar no gozo dos direitos políticos;
- D** Estar em dia com as obrigações do serviço militar (sexo masculino);
- E** Estar em dia com as obrigações eleitorais;
- F** Apresentar diploma de conclusão de curso de graduação de nível superior, emitido por instituição de ensino credenciada pelo Ministério da Educação (MEC);
- G** Ter idade mínima de 18 anos;
- H** Apresentar aptidão física e mental para o exercício das atribuições do cargo, por meio de exames pré-admissionais.

Fonte: Gov.br e Cebraspe

FASES DO CACD 2024

A seleção para o cargo de diplomata será realizada em duas etapas:

- 15 de setembro:** prova objetiva
 - De caráter eliminatório, com questões de língua portuguesa, história do Brasil, história mundial, geografia, língua inglesa, política internacional, economia e direito, de caráter eliminatório;
 - Realizada nas 27 capitais das unidades da Federação.
- 12, 13, 19 e 20 de outubro:** provas discursivas
 - De caráter eliminatório e classificatório, com questões de língua portuguesa, língua inglesa, história do Brasil, política internacional, geografia, economia, direito e um idioma adicional (língua espanhola ou língua francesa);
 - Realizada nas capitais onde houver candidatos aprovados na primeira etapa.



Arquivo pessoal



Sara Rodrigues, 33, quer representar as mulheres negras no MRE: “Não acredito que será fácil”

privilegio. Então, sim, equiparar as vagas entre gêneros é mais que necessário.”

Ações afirmativas

Sara Rodrigues se candidatou às vagas reservadas para cotas raciais, já que não há cotas específicas para mulheres ou mulheres negras. “Eu sou fruto das ações afirmativas. Aos 12 anos, minha família passou a receber o Bolsa-Escola (atual Bolsa Família). Isso me ajudou a concluir o ensino básico. No vestibular, concorri por meio das reservas de vagas como estudante negra de escola pública. Durante a graduação, foi necessário, para poder concluir os estudos com êxito. No mestrado, da mesma forma. Então, para concorrer a uma vaga no Itamaraty, não seria diferente”, compartilha Sara.

Ela destaca, ainda, a importância de políticas de inclusão e da conscientização de instituições públicas, como o MRE, numa nação de desigualdades. “É por meio das ações afirmativas que consigo enxergar mais possibilidades para encarar uma prova tão elitista em um país muito desigual e racista. Portanto, as cotas para pessoas negras são essenciais. Representar o Brasil no exterior sendo uma mulher preta é de suma importância para o Itamaraty”, reitera.